

Afetos na Pós-modernidade: uma leitura de 'O filho de mil homens', de Valter Hugo Mãe

Alessandra Rech¹

Abstract: This article proposes an approximation between the political positions of the portuguese writer Valter Hugo Mãe and those that the author communicates in the novel 'O filho de mil homens' with the affects of post-modernity, characterized by Maffesoli (2013) as the "return of the tragic", historical moment in that the notion of otherness contrasts with the values linked to individualism that marked the developmental period.

Keywords: society; literature; affects; postmodernity; Valter Hugo Mãe.

Resumo: O presente artigo propõe uma aproximação entre posturas políticas do escritor português Valter Hugo Mãe e as que o autor comunica no romance *O filho de mil homens* com os afetos da pós-modernidade, caracterizada por Maffesoli (2013) como o "retorno do trágico", momento histórico em que a noção de alteridade se contrapõe aos valores ligados ao individualismo que marcaram o período desenvolvimentista.

Palavras-chave: sociedade; literatura; afetos; pós-modernidade; Valter Hugo Mãe.

*Acreditou que o afeto verdadeiro era o único desengano,
a grande forma de encontro e de pertença. A grande forma de família.*
(Valter Hugo Mãe)

Introdução

Embora controverso, o conceito de pós-modernidade pode dar conta da missão de ampliar o horizonte de entendimento acerca de algumas obras literárias que têm se destacado nos últimos anos. É o caso da produção do escritor português Valter Hugo Mãe, onde se lê características intrínsecas à contemporaneidade. Da mesma forma, a relação entre afetos e literatura se mostra indissociável desse recorte histórico que define a condição sociocultural a partir de mudanças paradigmáticas como o processo de globalização e a noção de esgotamento dos recursos naturais, no chamado Capitalismo Tardio ou Capitalismo Recente.

O objetivo deste artigo é elencar aspectos em que o discurso do escritor, em suas aparições públicas, e a obra *O filho de mil homens* (2012) correspondem a características culturais atribuídas à pós-modernidade, especialmente no âmbito dos afetos. Para tanto, apresentaremos uma breve biografia do autor, no cruzamento com alguns posicionamentos de Valter Hugo Mãe a respeito da própria produção e de seu entendimento de mundo.

¹ Professora colaboradora do Mestrado em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Doutora em Letras - Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), desenvolve estágio pós-doutoral no Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pesquisa sobre o imaginário pós-moderno, com apoio do CNPq.

Desenvolveremos, em seguida, conceitos de pós-modernidade e afetos na perspectiva contemporânea, na linha de Maffesoli e Hall. Por fim, relacionaremos tais conceitos a passagens de *O filho de mil homens* representativas desse recorte.

Valter Hugo Mãe, nome artístico de Valter Hugo Lemos, nasceu em 1971 na Vila Henriques de Carvalho, na Angola, que passou a ser denominada Saurimo com o fim da administração portuguesa, em 1975. É licenciado em Direito e pós-graduado em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Em 1999 foi co-fundador da Quasi Edições, período em que publicou obras de Mário Soares, Caetano Veloso, Adriana Calcanhotto, Manoel de Barros, Artur do Cruzeiro Seixas, Ferreira Gullar, entre outros. Co-dirigiu a revista *Apeadeiro*, de 2001 a 2004 e, em 2006, fundou a editora Objecto Cardíaco.

Um dos mais destacados autores portugueses da atualidade, sua obra circula em países como o Brasil, a Alemanha, a Espanha, a França e a Croácia. Tem sete romances publicados: *Homens imprudentemente poéticos*; *A desumanização*; *O filho de mil homens*; *A máquina de fazer espanhóis* (Grande Prêmio Portugal Telecom de Melhor Livro do Ano e Prêmio Portugal Telecom de Melhor Romance do Ano); *o Apocalipse dos trabalhadores*; *O remorso de Baltazar Serapião* (Prêmio Literário José Saramago) e *O nosso reino*. Escreveu livros infantis, como *Contos de cães e maus lobos*, *O paraíso são os outros*; *As mais belas coisas do mundo* e *O rosto*. A sua poesia foi reunida no volume *Contabilidade*.

Para além da escrita, Valter Hugo Mãe tem se dedicado ao desenho e à música e apresenta um programa de entrevistas no Porto Canal, em Portugal. Sua atuação midiática se estende a feiras e festivais literários pelo mundo, o que em si já é uma prática inerente à pós-modernidade, momento em que a interconexão autor-obra-leitor se torna especialmente relevante. Ao mesmo tempo em que o conceito de autoria se dissolve, dada a intertextualidade presente, a dinâmica editorial, de um competitivo mercado onde figuram editoras transnacionais, sugere a aparição social como forma de existência para além da obra, afetando particularmente o sistema literário.

A literatura, tradicionalmente uma prática endógena, passa a pressupor uma faceta exógena, com a junção de elementos que concernem à cena literária no âmbito então expandido da cultura. Para Jameson, tais mudanças são reflexo da sociedade de consumo, que abarca visivelmente a esfera cultural:

[...] o cultural já não se limita às suas formas anteriores, tradicionais ou experimentais, mas é consumido a cada momento da vida cotidiana, nas compras, nas atividades profissionais, nas várias formas de lazer televisuais, na produção para o mercado e no consumo desses produtos, ou seja, em todos os pormenores do cotidiano. (JAMESON, 2002, p. 115).

Com raras exceções, o pensamento acadêmico tradicional costuma ignorar o estudo de obras de autores vivos, o que não acontece com Valter Hugo Mãe. Em um momento histórico em que já não mais se espera do literato seu isolamento como sinal de certa sacralidade criativa, esse autor contemporâneo se torna um fenômeno tanto de público quanto de crítica, e o conjunto de informações prestadas pelo próprio escritor a respeito de suas opções temáticas é complementar para o entendimento da obra.

Ao escrever para uma demanda imediata, concreta, para um leitor que facilmente comenta suas impressões nos meios digitais, inevitavelmente Mãe considera não apenas o seu desejo de dizer, mas aquilo que o receptor deseja que seja dito. Essa relação, a

princípio arriscada do ponto de vista da expressão artística, uma vez que é ponto passivo diferenciarmos a literatura de um ato corriqueiro de comunicação, parece ter encontrado na produção desse escritor seu melhor equilíbrio.

O autor, nas suas recorrentes entrevistas, assume a sensibilidade diante de temas que emergem da sociedade (mais evidentes a partir da articulação em rede), como o feminismo, a homoafetividade e a inclusão social, mas transpõe essa temática para a literatura como poeta de origem que é: sem desconsiderar a forma, na condição de artesão da palavra, ainda que esse exercício resulte em um conteúdo mais hermético, como acontece principalmente em *A desumanização*, entre seus mais recentes textos. Supomos que resida nessa rigorosa estilística, em sua capacidade de construir imagens articulando ao significado uma rica sonoridade, sua grandiosidade.

O filho de mil homens, lançado em 2011, conta a história do pescador Crisóstomo, um solitário que, ao chegar aos 40 anos de idade com imensa vontade de ser pai, conhece o órfão Camilo e decide fazer o seu próprio destino. “Inventa”, assim, uma família, demonstrando, em uma das possíveis vias interpretativas, que o amor pode ser, sobretudo, um ato de vontade. Ao escrever sobre uma aldeia rural e os sonhos anulados de quem vive nela, Mãe discorre sobre solidão, preconceitos, compaixão e solidariedade.

Para Alberto Manguel, em prefácio, o amor em relação a todas as criaturas vivas se sobressai em *O filho de mil homens*: “Através de um desdobramento magistral de personagens estranhas e únicas, Mãe oferece-nos uma espécie de catálogo da extraordinária variedade dos elementos da nossa espécie e das admiráveis qualidades de cada um deles” (MANGUEL, 2016, p.10).

Segundo Maurício Silva e Talita Librelon, é a partir da década de 1980 que a literatura brasileira assume temáticas relativas à diversidade, resultando em obras que procuraram dar voz aos diversos estratos sociais (2012, p. 254). Esse ecletismo se acentua com a comunicação em rede. Nessa perspectiva, parece possível afirmar, como demonstraremos mais detalhadamente adiante, na breve análise textual, que a obra de Mãe revela afetos característicos da pós-modernidade.

Referir o termo afeto exige, no entanto, sua breve conceituação. As origens da palavra remontam a afetar-se de modo geral, ou seja, ser atingido por uma emoção não necessariamente positiva. Afeto deriva do latim “*affectus*”, sentimento ou emoção em diferentes graus de complexidade. Os afetos fazem parte do plano social, e não somente do particular, como se entende à primeira vista. Isso significa afirmar que as afetações são socialmente aprendidas – quem é amado aprende a amar. Na história da literatura, um exemplo é o auge do Romantismo, período que circunscreve afetos bem característicos como derivação do imaginário daquela época.

Na pós-modernidade, as facilidades de comunicação em rede evidenciam afetos polarizados, disparados, em especial, a partir das argumentações no âmbito ideológico. Divididos em posições extremistas de direita e esquerda, os participantes desse “monólogo”, uma vez que são raras as manifestações de abertura para o posicionamento do outro, experimentam o ódio e o disseminam.

Em uma sociedade onde, apesar do avanço tecnológico, há um conservadorismo crescente (em tese como reação à ascensão de representatividade das consideradas minorias), a visada afetiva de Mãe é ativismo, como ele assume em entrevista: “O seu papel (da literatura) é o de, sempre, reclamar. Exigir que gente seja sempre gente. Para isso é fundamental que a cidadania seja um exercício e nunca um dado adquirido. Cidadão passivo

já não é cidadão. A todos compete a vigilância e o protesto” (MÃE, 2016, [n.p.]). Mãe demonstra claramente seu propósito de escrita em tempos conturbados: “O afeto é uma boa razão para tudo. Por vezes, a única razão decente” (MÃE, 2014a, [n.p.]).

A colocação do afeto (no sentido da amorosidade) na prática textual se dá desde a forma como Mãe constrói seus personagens, tomando cuidado para se distanciar do tradicional recurso ao estereótipo ou exotismo. Segundo Manguel, os personagens de Mãe transcendem o lugar que seria destinado a eles pelo senso comum:

Cada personagem, que num convencional romance de cariz documental ou sociológico seria um exemplo de transtorno social ou psicológico, é na obra de Mãe um símbolo de libertação e triunfo pessoal, uma demonstração das infinitas possibilidades da alma e da imaginação humanas. Cada personagem carrega o seu próprio destino, não com resignação mas através do reconhecimento dos seus próprios valores. (MANGUEL, 2016, p.10).

Tal exposição é nitidamente facilitada no recorte da pós-modernidade que se pretende aqui pela articulação em rede, de acordo com Denis de Moraes:

O ambiente tendencialmente interativo, cooperativo e descentralizado da Internet introduz um componente criativo nas lutas sociais (...) O que se busca é promover a disseminação de idéias e o máximo de intercâmbios. Poder interagir com quem quer apoiar, criticar, contestar. (MORAES, 2001, p. 127)

Mãe tem consciência do momento de retrocesso de políticas públicas e mentalidades, fenômeno que, infelizmente, não é um privilégio do Brasil, como demonstrou em sua participação no evento Fronteiras do Pensamento, em Porto Alegre, de acordo com Kátia Marko:

Apesar da sua esperança e sua forma de ser, classificada por ele, como uma resistência a que a humanidade termine, Valter fez fortes críticas ao desaparecimento do outro e a individualização extrema. Também lamentou o forte retrocesso vivido na Europa. ‘A retomada de ideias fascistas, nazistas, xenófobas e a perseguição às pessoas diferentes estão acabando com a Europa’. (MARKO, 2015, [n. p.])

Antes de adentrarmos a leitura da obra em questão, passaremos a alguns conceitos sobre a pós-modernidade no âmbito da sociologia.

As sociedades pós-modernas

Adotamos as reflexões de Michel Maffesoli (2003) acerca da pós-modernidade por considerarmos sua atualidade e proximidade com o foco. Embora o conceito na crítica literária (que assume, enquanto estilo, a designação de pós-modernismo) não seja recente e abarque definições estéticas acerca da produção de escritores a partir da segunda metade do século XX, apontando para nomes expressivos na literatura brasileira, como os de Clarice Lispector, Hilda Hilst, Ferreira Gullar, Adélia Prado, Dalton Trevisan, entre outros, nosso interesse recai sobre as questões comportamentais em evidência no século XXI que, para o sociólogo, sinalizam o que ele pontua como “o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas”.

Se a globalização e o período pós-guerra apontavam para mudanças econômicas e sociais, caracterizando um pós-modernismo que na estética textual se percebe por simultaneidades, fragmentações, intertextualidades, polifonias, nihilismo, humor, como pontuado por Domício Proença Filho (1995), um segundo momento desse processo tem como marco a consciência do esgotamento dos recursos naturais, fase que foi denominada Capitalismo Tardio por Ernest Mandel (1985).

A obra de Mandel surge pela primeira vez em 1972, defendendo a existência de uma crise de reprodução do capital, quando o crescimento do consumo e da produção torna-se insustentável. Foi a primeira análise teórica do desenvolvimento global do modo de produção capitalista desde a Segunda Guerra, concebida dentro das categorias do marxismo clássico, de acordo com o historiador inglês Perry Anderson (1989, p. 140).

A noção de esgotamento planetário se dá no cerne mesmo de uma sociedade que fez do consumo a sua panaceia a partir da industrialização e da expansão dos meios de comunicação de massa, veículos da publicidade que difunde, com os objetos, o desejo de uma “significação total”, para além de sua utilidade específica, de acordo com Jean Baudrillard:

Da mesma maneira que a sociedade da Idade Média se equilibrava em Deus e no Diabo, assim a nossa se equilibra no consumo e na sua denúncia. Em torno do Diabo, era ainda possível organizar heresias e seitas de magia negra. Mas, a magia que temos é branca, e não é possível qualquer heresia na abundância. É a alvura profilática de uma sociedade saturada, de uma sociedade sem vertigem e sem história, sem outro mito além de si mesma. (BAUDRILLARD, 1995, p. 210).

A alienação pela mercadoria, apontada por Baudrillard, encontra dissidentes. Mesmo que essa visão do esgotamento planetário não seja uniforme, pois é um fenômeno das sociedades pós-modernas, e está claro que as sociedades (e os indivíduos) não experienciam simultaneamente o mesmo estágio de desenvolvimento, se percebe alterações de comportamento entre as “neotribos”, como conceitua Maffesoli (2003), especialmente a partir da virada deste século.

Para o sociólogo, estamos na passagem de um tempo monocromático, linear, seguro – o do projeto – a um tempo policromático, trágico por essência, presenteísta e que escapa ao utilitarismo burguês. Em síntese, a inversão do totalitarismo da engrenagem industrial, para a celebração de uma “temporalidade dionisiaca”.

Assim, ainda segundo Maffesoli (2003, p. 8), na pós-modernidade vive-se um desejo de contrapor a velocidade propiciada pela tecnologia à lentificação, ao ócio, à vivência do instante. Nesse presenteísmo, há o deslocamento da perspectiva do indivíduo para a do grupo: “No primeiro caso – a modernidade que se acaba –, a primazia é concedida a um indivíduo racional que vive em uma sociedade contratual; no segundo – a pós-modernidade nascente – o que está em jogo são grupos, ‘neotribos’ que investem em espaços específicos”.

Indivíduos identificados com rupturas na forma de organização capitalista modificam, por conseguinte, as suas relações sociais, abrindo espaço para a acolhida do outro, resistência ao individualismo exacerbado que marca as etapas vertiginosas do desenvolvimento industrial.

Segundo Caiel e Oliveira (2010, p. 1), o tema da diversidade cultural na literatura tem sido abordado a partir dos estudos culturais e pós-coloniais que nascem da problematização dos conceitos de cultura, sujeito, linguagem e história. Tais abordagens se inscrevem na luta contra as formas de dominação e de hegemonia do sistema capitalista.

O pensamento vai ao encontro do que assegura Maffesoli (2003, p. 8): “No drama moderno há a pretensão otimista da totalidade: minha, do mundo, do Estado. No trágico pós-moderno, o foco é a ‘interidade’, perda do pequeno eu em um ‘em Si’ mais vasto, que contempla a alteridade natural e social”. Essa abertura para o coletivo é uma via de sentido em *O filho de mil homens*.

Valter Hugo Mãe surge na literatura oferecendo narrativas lúdicas e especialmente poéticas. Seus personagens têm a força de arquétipos, como ocorre em *A desumanização*, que se passa na Islândia: “Sou um escritor de lugares pequenos, queria muito estar num lugar pequeno desse imenso país e perceber o mundo inteiro visto dessa condição” (MÃE, 2014b). Sua forma alegórica de representar questões humanas abrangentes em um *locus* pitoresco se contrapõe à velocidade do presente.

Entendemos que uma temporalidade de resistência ao ritmo opressor da sociedade industrial (moderna) se instaura a partir de uma linguagem que pressupõe labor estilístico e um trabalho de co-criação do leitor. Leitura é um ato de participação, como conceitua Paz. Assim, o afeto, no sentido primeiro (de afetar-se) é inerente ao sistema literário:

O homem se converte no ritmo, cifra de sua temporalidade; o ritmo, por sua vez, se declara na imagem; e a imagem volta ao homem assim que uns lábios repetem o poema. Por obra do ritmo, repetição criadora, a imagem deriva de sentidos rebeldes à explicação – se abre à participação (...) O poema se realiza na participação, que nada mais é que recriação do instante original. (PAZ, 1996, p. 117, tradução nossa).²

Como apontado anteriormente por Manguel, a diversidade de tipos humanos em *O filho de mil homens* se dá em relação de paridade com os demais personagens. Suas diferenças não constam na cena por efeito de exotismo, antes abordam questões emergentes, que podem ser relacionadas às identidades contemporâneas.

Para Hall (2006, p. 9), o final do século XX é caracterizado, justamente, pela fragmentação das “paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais”, o que se traduziria por uma crise de identidade. Hall ainda aponta que não existe uma identidade plenamente identificada, completa, segura e coerente, para além da fantasia que a sociedade contratual, moderna, propagou em nome da estabilidade do sistema de produção:

Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p. 13)

Essa abertura para múltiplas identificações ao invés do paradigma da rigidez é aspecto importante na ascensão dos direitos de gênero, e mesmo na representatividade social do que se conhece por minoria étnica, uma vez que contempla o diverso como pressuposto da identidade, mesmo a que se concebia até então como hegemônica.

2 El hombre se vierte en el ritmo, cifra de su temporalidad; el ritmo, a su vez, se declara en la imagen; y la imagen vuelve al hombre apenas unos labios repiten el poema. Por obra del ritmo, repetición creadora, la imagen – haz de sentidos rebeldes a la explicación – se abre a la participación. (...) El poema se realiza en la participación, que no es sino recreación del instante original.

Maffesoli (2003) segue esse entendimento ao pontuar que a alteridade natural está em exercício que se percebe, por exemplo, com as preocupações ambientais em voga, contrapondo-se ao momento de afirmação do homem sobre a natureza, que teria justificado todo o tipo de devastação em nome do progresso.

A percepção dos outros animais como seres sencientes (que sentem), a ênfase ao veganismo e os movimentos de proteção, na argumentação de Maffesoli, demonstram essa evolução. No social, as articulações contra a homofobia, o machismo, o racismo, entre outras causas, colocam em prática a noção de alteridade, ao mesmo tempo em que congregam as “neotribos” em torno de seus interesses.

Para o sociólogo, a verdadeira vida não tem projeto porque não tem objetivo definido. “Daí o aspecto pulsante de suas manifestações. Daí o aspecto repetitivo de seus rituais. O reencantamento do mundo provém da conjunção do cavaleiro de nossos contos e lendas e do raio laser” (MAFFESOLI, 2003, p. 14).

Esse ‘reencantamento’ identificado no imaginário pós-moderno – do bucólico no universo globalizado, do fabular em meio ao fragmentário, do lírico diante do tecnocrático, da desaceleração que se contrapõe à velocidade – se aplica à narrativa de Mãe e pode ajudar a entender a aceitação de seu trabalho.

Afetos contemporâneos em *O filho de mil homens*

Maffesoli (2003, p. 98) destaca que “é importante descobrir o ritmo social de uma determinada época.” Sustentamos, como apontado anteriormente, que o ritmo de nossa época tende à desaceleração. Desacelerar, como a imagem suscita, pressupõe ainda estar em alta velocidade, mas, a partir da intenção, iniciar movimento contrário. Tal ritmo se verifica na linguagem de Mãe. A obra se inicia em tom de fábula, e as fábulas remetem a uma temporalidade específica – a eternidade do ‘era uma vez’, tempo parado que transporta à própria infância, e no que de ‘para sempre’ há nessa memória.

A solidão do pescador Crisóstomo, a sua consciência da necessidade de viver ligado a outras pessoas, é o mote de *O filho de mil homens*:

O homem que chegou aos quarenta anos pescava, cozinhava para si os peixes com paciência e cuidado, sentava-se à mesa a ouvir quem ia estender-se ao sol ou jogar bola ali no pé do mar. Ouvia aquela companhia, que era uma réstia de companhia ou companhia nenhuma, e comia os seus peixes a pensar que tinha de haver uma solução. (MÃE, 2012, p. 8-9)

Observamos que a obra se passa em uma aldeia de pescadores, um pequeno universo onde desfilam os personagens centrais, todos eles interligados de alguma forma, remetendo mais uma vez à fábula.

O absurdo posto no título “filho de mil homens” se explica na gênese de Camilo. Sua mãe é uma anã que vivia só, mas recebia a visita dos homens da comunidade secretamente, para escândalo dos que vieram a saber, mais tarde, sobre a sua gravidez. Assim, Valter Hugo Mãe apresenta uma questão pertinente aos tempos atuais, em que a “comunidade global” contradiz sua essência perante práticas recorrentes de racismo e xenofobia. O sentido ultrapassa o contexto da narrativa:

Todos nascemos filhos de mil pais e de mais mil mães, e a solidão é sobretudo a incapacidade de ver qualquer pessoa como nos pertencendo, para que nos pertença de verdade e se gere um cuidado mútuo. Como se os nossos mil pais e mais as nossas mil mães coincidissem em parte, como se fôssemos por aí irmãos, irmãos uns dos outros. Somos o resultado de tanta gente, de tanta história, tão grandes sonhos que vão passando de pessoa a pessoa, que nunca estaremos sós. (MÃE, 2012, p. 193).

Não é necessário um esforço interpretativo para compreender o apelo às relações igualitárias a partir da consciência de uma igualdade constituinte do humano. O texto acima também pontua a miscigenação como contraponto às práticas racistas (“somos o resultado de tanta gente”).

Núcleo central da trama, filho de Crisóstomo, Camilo funciona como um signo da continuidade. Na figura do jovem está o futuro que, na perspectiva afetiva impetrada pelo autor, pode ser um tempo melhor:

O Crisóstomo então levantou-se, atravessou o quarto, saiu, foi ver o Camilo deitado e beijá-lo para dormir e disse-lhe: nunca limites o amor, filho, nunca por preconceito algum limites o amor. O miúdo perguntou: por que dizes isso, pai? O pescador respondeu: porque é o único modo de também tu, um dia, te sentires o dobro do que és (MÃE, 2012, p. 179).

A descrição dessa cena remete à esperança inerente ao ato de educar: ao realizar o sonho de ter um filho, Crisóstomo pode exercer sua paternidade na forma de aconselhamento, o que o faz com um gosto todo especial. Participa, no compartilhamento de seus valores, do futuro - em seu desejo de que seja um tempo melhor.

A noção quantitativa também surge humanizada. O sentido de crescimento, neste trecho, relaciona-se à possibilidade de afeto – é pela via do amor que o sujeito poderá se sentir ‘o dobro’. Tradicionalmente, os pais dos tempos de desenvolvimento moderno ensinam a dobrar os dividendos, o que torna essa fala de Crisóstomo especialmente ‘afeita’ ao imaginário pós-moderno explanado por Maffesoli, momento em que a vivência pode, enfim, se sobrepor à acumulação.

Outro eixo do romance aponta para a história de Antonino e Isaura. Ele, o ‘maricas’ da vila, vítima de homofobia. Ela, uma solitária, depois de ter sido iludida e abandonada por um homem, para escândalo da vizinhança, vive o que parece ser o destino de uma ‘mulher desonrada’ em um universo patriarcal:

As raparigas tinham uma ferida que nunca curariam. Estaria para sempre exposta, e por ela sofreria eternamente. Os homens haveriam de investir sobre essa ferida de modo cruel para que nunca pudesse sarar. A Isaura não sabia ainda que era para que sofresse que calhara ser mulher. (MÃE, 2012, p. 141)

Ao Antonino resta conviver com o desprezo da comunidade, que trata como patologia a condição dele. Certo dia, os homens terminam por abusar do jovem. A mãe, Matilde, prende o rapaz – que acabara de ser violentado por um grupo de homens – no quarto, em uma tentativa de ‘cura’ de sua pulsão. A elaboração de Antonino é uma denúncia sobre o peso da repressão social na trajetória do indivíduo:

O resto que estivesse dentro de si precisava morrer (...) No dia seguinte, lavando-se, recusou o amor como quem escolhia a sanidade. Haveria de, renunciando à sua própria natureza, ser um herói de si mesmo, um herói de sua mãe. Preferia ser sempre um herói infeliz (MÃE, 2012, p. 193).

O sofrimento imposto pela não aceitação das diferenças aparece ao longo de toda a trama. O primeiro recurso de Antonino para se libertar do desprezo da comunidade é a aproximação com Isaura. É quando o casamento entre ambos é arranjado:

Era uma ideia comum, essa de os homens maricas procurarem mulheres enjeitadas para casamentos de aparência. Alguns chegavam a ser felizes na maneira como geriam as suas famílias e os seus desejos sexuais. O povo diria o que lhe aprouvesse, mas também compreenderia o propósito desesperado de Isaura, a mulher feia e de ar doente que ninguém curaria nem quereria. (MÃE, 2012, p. 51).

O acordo não ultrapassa, porém, a noite de núpcias. Antonino foge. Isaura se vê sozinha, até encontrar com Crisóstomo na praia e estabelecer com ele uma relação desprezível. “A Isaura contou ao Crisóstomo que aceitava finalmente ser quem era, só para poder ser feliz” (MÃE, 2012, p. 75).

Essa família formada na conjunção desses diversos caminhos irá acolher, no seu retorno, Antonino, em uma passagem especialmente reconfortante da obra, quando Crisóstomo reconhece que, apesar do casamento anulado, Isaura pode estar ligada a Antonino pela compaixão: “O Antonino confessou ter um certo amor pela Isaura. E também o Crisóstomo pensou no outro como um náufrago que segurava o corpo de uma mulher como uma tábua boiando em alto-mar” (MÃE, 2012, p. 107).

O cuidado de uns com os outros perpassa a trama. Ainda que muitas dores estejam postas por força de preconceitos, a solidariedade vai apaziguando os diferentes núcleos. A adoção de Camilo, que realiza o desejo de Crisóstomo de ser pai aos quarenta anos, não é a única, uma vez que há espaço para mais alguém.

Segundo Silva:

A constatação de que a família pode ser inventada e que, para tanto, só é necessário que todos os seus membros estejam ligados pelo afeto, independentemente de cerimônias religiosas e de ligações sanguíneas, revela a força política por trás da ficção instaurada pelo romance de Mãe (SILVA, 2016, p. 89).

O final feliz é construído a partir da abertura para acolher o outro, o que torna a obra especialmente pertinente no âmbito dos afetos na pós-modernidade. A fábula se configura em ativismo. Para Silva (2016, p. 89-90), “a felicidade que se desenha em *O filho de mil homens* é um ato político se a observarmos enquanto uma expressão da possibilidade que circunscreve a união dessas personagens *queer* em um arranjo familiar igualmente estranho”.

Considerações finais

A abordagem solidária e de certa forma otimista de Valter Hugo Mãe (atestada em suas recorrentes aparições midiáticas e em trechos da sua escrita) encontra consonância com a visão do sociólogo Maffesoli sobre os afetos na pós-modernidade. Para ambos, o primeiro

como expressão de um pensamento íntimo e o segundo na formulação conceitual sobre a realidade observada, é preciso ter fé no ser humano: não se faz transformações sem acreditar que elas são possíveis. Para Maffesoli, inclusive, as transformações já estão em curso:

Os proprietários da sociedade se empenham em minimizar as forças nascentes, que se arriscam a tomar seu lugar, mostrando o aspecto obsoleto de seu discurso e de sua ação (...) Mas sem criar demasiadas ilusões, não se pode ignorar a distância que existe entre a notabilidade instituída e a anomia instituinte. (2003, p. 13).

Esse mundo decorrente da quebra do paradigma se apresenta mais pelo que já não é do que pelo que será. Indivíduos obrigados a se reinventarem diante de vínculos de trabalho cada vez mais precários, relações mais fluidas, Estados em crise e informações em escala global conferindo o peso de um hiper-realismo ao cotidiano traduzem sua perplexidade em novos comportamentos.

Lipovsky e Serroy (2011, p. 138) apontam a ênfase às Organizações não governamentais (ONGs) de ação internacional como um dos sintomas dessa condição pós-moderna: a informação sobre as misérias humanas que ocorrem do outro lado do mundo e a descrença em políticas públicas de médio e longo prazos, bem como o esvaziamento das aspirações revolucionárias acionam, segundo os autores, o desejo de agir para sanar demandas sociais imediatas. Pensar em minimizar a dor do outro se torna uma forma possível de alegria no agora, o instante válido, diante da dissolução de dogmas que levavam a trabalhar com vistas à redenção futura, no âmbito da fé.

O “outro” é uma questão recorrente nas ciências humanas, desde os primeiros manifestos sobre a ética e, posteriormente, as relações políticas, mas sua condição adquire nova perspectiva neste novo milênio, com o reforço do discurso multiculturalista, que traz à cena as particularidades do indivíduo. Se trata de considerar o outro para além das posturas etnocêntricas, hegemônicas – é nesse contexto que emerge a obra de Valter Hugo Mãe.

Ao observarmos o conjunto das narrativas de Mãe, transparece esse olhar multiculturalista também na localização de seus últimos romances. Enquanto *O filho de mil homens* se passa numa vila no interior de Portugal, *A desumanização* (2013) é locado na Islândia e *Homens imprudentemente poéticos* (2016) retrata uma comunidade no sopé do Monte Fuji, no Japão. Os projetos literários mais recentes do escritor envolvem o seu deslocamento e imersão em culturas diferentes – onde a paisagem aparece como metáfora de questões humanas centrais por ele abordadas.

O mundo sem fronteiras geográficas e, no entanto, múltiplo, clama pelo acolhimento das subjetividades. Assim, a tomada de posição social de Valter Hugo Mãe, que não abala seu compromisso lírico, comunica a essência do humano em seu tempo, o que torna o texto pertinente para outros estudos sensíveis às pautas da atualidade.

Referências

- ANDERSON, P. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995. Trad. Artur Morão.
- CAIEL, A.; OLIVEIRA, R. P. de. *Literatura e diversidade cultural na escola*. Revista Nau Literária. Porto Alegre. v. 6, n. 2, 2010, p. 1-10. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/20131/11690>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.
- JAMESON, F. *A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização*. Petrópolis: Vozes, 2002. Trad. Maria Elisa Cevasco e Marcos César de Paula Soares.
- LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Trad. Maria Lúcia Machado.
- MÃE, V. H. *O filho de mil homens*. E-pub. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- _____. *A desumanização*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- _____. *A aventura maior da literatura é dizer o que até então estava sem nome*. Entrevista ao site Esquerda.net. Lisboa, 2016. Disponível em: <<https://www.esquerda.net/artigo/aventura-maior-da-literatura-e-dizer-o-que-ate-entao-estava-sem-nome/45075>>. Acesso em: 13 mar. 2018.
- _____. *O afeto é uma boa razão para tudo*. Curitiba, 2014a. Fundação Cultural de Curitiba. Entrevista concedida a Mário Gomes. Disponível em: <<http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/noticias/o-afeto-e-uma-boa-razao-para-tudo-entrevista-com-valter-hugo-mae/>>. Acesso em: 10 mar. 2018.
- _____. *Escritor português Valter Hugo Mãe participa do festival Litercultura*. Curitiba: Agência de notícias da prefeitura de Curitiba, 2014b. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/escritor-portugues-valter-hugo-mae-participa-do-festival-litercultura/33728>>. Acesso em: 12 mar. 2018.
- MAFFESOLI, M. *O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk, 2003. Trad. Rogério de Almeida e Alexandre Dias.
- MANDEL, E. *O capitalismo tardio*. São Paulo: Nova Cultural, 1985. Trad. Carlos Eduardo Silveira Matos, Regis de Castro Andrade e Dinah de Abreu Azevedo.
- MANGUEL, A. O filho universal. Prefácio. In: MÃE, V. H. *O filho de mil homens*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2016.
- MARKO, K. *Valter Hugo Mãe: 'Na solidão não há humanidade'*. Blog. 2015. Disponível em: <<http://zelmar.blogspot.com.br/2015/08/valter-hugo-mae-na-solidao-nao-ha.html>>. Acesso em: 12 mar. 2018.
- MORAES, D. de. *O concreto e o virtual: mídia, cultura e tecnologia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- PAZ, O. *El arco y la lira*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.
- PROENÇA, D. F. *Pós-modernismo e literatura*. São Paulo: Ática, 1995.
- SILVA, E. S. L. da. *Uma fotografia que pode abraçar: um retrato possível da homoafetividade e da família em 'O filho de mil homens'*. (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação - Letras (2016). Disponível em: <<http://home/chronos/u-5a8db57fe500896c1fa0cbd6b15cecf9fbf599dc/Downloads/homoafetividade-mae.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2018.
- SILVA, M.; LIBRELON, T. *Eles eram muitos cavalos: marcas da pós-modernidade na literatura brasileira contemporânea*. Belo Horizonte. Revista ContraPonto, v. 2, n. 1, 2012. p. 252-262. Disponível em: <<http://home/chronos/u-5a8db57fe500896c1fa0cbd6b15cecf9fbf599dc/Downloads/4613-18295-1-PB.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

Recebido em: 06/08/2018 Aceito em: 04/09/2018